

Da terra dos Faraós

Quem me conhece sabe que sou fascinada por tudo que diz respeito ao Egito. Por isso, fiquei alvoroçada ao ler a notícia no jornal, sobre uma exposição de artefatos egípcios, no Shopping Vitória.

Dentre as inúmeras frustrações que sofri ao visitar a exposição (duas vezes), intitulada Mistérios do Antigo Egito, vou relatar algumas. Para início de conversa, o banner espalhado pelo shopping sugeria uma bela exposição, pois constava de uma foto de excelente qualidade, da máscara mortuária do Faraó Tutankhamon. Ao me dirigir ao local, achei estranho, uma vez que era no subsolo, num canto poluído e abafado do estacionamento, em uma instalação tosca e indigna da história egípcia. É evidente que se tratava de réplicas, caso contrário o tratamento dispensado às peças seria outro e, é claro, o preço do ingresso também.

Ao ler os textos que acompanhavam cada peça, pretendendo explicar os aspectos históricos, religiosos e o material utilizado em sua confecção (marfim, argila, osso de camelo etc.), comecei a estranhar a falta de cuidado e revisão textual. A monitora, ao me ver lendo atentamente e fazendo anotações num bloco, perguntou: A senhora é professora de história? Eu respondi que não, que era estudante de Letras e estava fazendo um trabalho. Ela franziu o rosto numa espécie de careta e emitiu um som: hiiiiii, tem muita coisa escrita errada... Quer dizer, os organizadores tinham consciência dos erros que eu, porventura (ou desventura), encontrasse.

Fui anotando tudo e selecionei algumas jóias ortográficas e gramaticais. Construções truncadas, concordâncias desrespeitadas, como por exemplo:

O Faraó Quéfrem reinou 56 anos, durante os egípcios sofreram uma absoluta miséria .

A família faraônica costuma casar-se entre si para manter a superioridade .

Anúbis considerado o patrono aos embalsamadores .

Encontrei palavras que constavam na apresentação de uma peça, ora com acento agudo (errada), ora sem acentuação (correta), como a palavra canopo (vaso em que os egípcios encerravam as entranhas das múmias). A palavra rodeado escrita rodiado, espécies escrita exésias, Ptolomeu escrito Pitolomeu. Ao explicar o tratamento interno do corpo das múmias, após a retirada dos órgãos internos para o processo de embalsamamento, estava escrito que os egípcios usavam satrão, e o termo correto é natrão (carbonato hidratado de sódio natural). Mas, o pior de tudo mesmo, foi ver a palavra essência, escrita da seguinte maneira: excencia. Foi de chorar e ranger os dentes.

Sei que estou ficando um pouco neurótica (muito?) com as maldades praticadas contra a nossa língua, resultado de tanto estudo na Saberes. O certo é que, tanto Bilac quanto Ramsés, devem estar se revolvendo em suas respectivas tumbas ou túmulos. Um pelo desrespeito com a língua portuguesa, a última flor, e o outro pelo descaso com sua história tão fascinante.

Mas, enfim, já que não estou de viagem marcada para o Egito, aceito os tristes ecos de tempos perdidos. Mas sob protestos.

Vanda Luiza de Souza Netto 4º período

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.